



Série Arte Popular, Cultura e Poesia

depois do quase

luciano bezerra gomes

editora



redeunida

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

luciano bezerra gomes

depois do quase

1ª Edição

Porto Alegre/RS, 2019

Editora Rede UNIDA



COORDENADOR NACIONAL DA REDE UNIDA

Túlio Batista Franco

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Editor-Chefe: Alcindo Antônio Ferla

Editores Associados: Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães,

Márcia Fernanda Mello Mende

CONSELHO EDITORIAL

Adriane Pires Batiston - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Alcindo Antônio Ferla - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Angel Martínez-Hernández - Universitat Rovira i Virgili, Espanha

Angelo Steffani - Universidade de Bolonha, Itália

Ardigó Martino - Universidade de Bolonha, Itália

Berta Paz Lorido - Universitat de les Illes Balears, Espanha

Celia Beatriz Iriart - Universidade do Novo México, Estados Unidos da América

Denise Bueno - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Dora Lucia Leidens Correa de Oliveira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Emerson Elias Merhy - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Francisca Valda Silva de Oliveira - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Izabella Barison Matos - Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Hêider Aurélio Pinto - Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

João Henrique Lara do Amaral - Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Julio César Schweickardt - Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Laura Camargo Macruz Feuerwerker - Universidade de São Paulo, Brasil

Laura Serrant-Green - University of Wolverhampton, Inglaterra

Leonardo Federico - Universidade de Lanus, Argentina

Lisiane Böer Possa - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Liliana Santos - Universidade Federal da Bahia, Brasil

Luciano Bezerra Gomes - Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mara Lisiane dos Santos - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Márcia Regina Cardoso Torres - Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil

Marco Akerman - Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luiza Jaeger - Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Maria Rocineide Ferreira da Silva - Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira - Universidade Federal do Pará, Brasil

Renan Albuquerque Rodrigues - Universidade Federal do Amazonas/Parintins, Brasil

Ricardo Burg Ceccim - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rodrigo Tobias de Sousa Lima - Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Rossana Staevie Baduy - Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Simone Edi Chaves - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Sueli Goi Barrios - Ministério da Saúde - Secretaria Municipal de Saúde de Santa Maria/RS, Brasil

Túlio Batista Franco - Universidade Federal Fluminense, Brasil

Vanderléia Laodete Pulga - Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Vera Lucia Kodjaoglanian - Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil

Vera Maria Rocha - Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista

Márcia Regina Cardoso Torres

Projeto Gráfico | Capa | Edição Imagem Capa | Diagramação

Luciano Bezerra Gomes

Arte da Capa: efeito sobre quadro “campo de trigo com corvos” de **Vincent Van Gogh** (domínio público)

Arte da segunda capa: efeito sobre grafite do **Banksy** (domínio público)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO - CIP

G633d Gomes, Luciano Bezerra
 Depois do quase / Luciano Bezerra Gomes.
- 1.ed. - Porto Alegre: Rede UNIDA, 2019.
114 p. - (Série Arte Popular, Cultura e Poesia)

DOI: 978-85-54329-33-4
ISBN: 1018310/9788554329334

1.Poesia. 2. Literatura. 3. Obra Popular. I. Título.
4. Arte. II. Série

NLM: WZ 350

Catálogo elaborado pela Editora Rede UNIDA

Todos os direitos desta edição reservados à Associação
Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS.
Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



para as pessoas que são a minha vida
incluindo as que até hoje não conheci

para aquelas que retornaram por meio destes poemas
mesmo que não as tenha encontrado

para as que nunca lerão este livro

de: Carmen Fontes de Souza Teixeira <carment@ufba.br>
para: Luciano Gomes <lucianobgomes@gmail.com>
data: 16 de jul de 2019 09:57
assunto: Re: Livro novo de poesias - Luciano - Primeiras
impressões

Luciano,

Com a correria do final do semestre só estes dias pude me dedicar a ler seu novo livro de poesia, "depois do quase".

Fiquei encantada! lendo em voz alta, para "ouvir" e sentir a energia que flui de suas palavras.

Cada poema merece um comentário singular, a leitura de cada um conduziu meu olhar às imagens do cotidiano que você transfigura, às reflexões filosóficas e políticas que você destila em versos, à perplexidade existencial, a dor do poeta que busca incansavelmente a palavra justa, que não fecha o pensamento e sim, abre portas para o deslizamento de sentidos.

Me enterneci, algumas vezes, com a delicadeza que percebo em seu olhar para as pequenas coisas, no

caleidoscópio de imagens que chamam sua atenção. Outras vezes, me diverti ao perceber você brincando com as palavras, guiado por sua sonoridade, como que deixando que elas recomponham, sozinhas, uma lógica que ultrapassa uma ideia preconcebida.

Adorei a forma de organização do livro, pois cada parte agrega, em seu registro próprio, dimensões distintas do seu "eu" poético, esse "eu" que você insiste em diluir nas palavras, até que ele desapareça e só fique a marca, no rastro impresso em cada página.

Essas são minhas primeiras impressões, mas vou voltar aos poemas, principalmente a alguns que me tocaram profundamente, a exemplo "do tempo", "heranças", "a noite", "vista aérea da comunidade ribeirinha" (uma jóia!) e todos os poemas de "revolteio"... chamas do seu "fogo interno", e a sensualidade dos poemas de "corpo", principalmente "a carne farfalha....".

Vou seguir, até me concentrar no aprendizado do poetar que você exhibe nos poemas "da poesia da palavra".

Você tem razão, "nunca se escapa ileso de uma poesia... , quando ela se incrusta na gente continua a sangrar... por toda uma vida".

Obrigado por você ter incrustado suas poesias em mim.

Carmen Teixeira¹

1 Professora (aposentada) da Universidade Federal da Bahia, na área de Saúde Coletiva e autora de livros de prosa poética que traduzem memórias e sonhos, reflexões e apontamentos derivados da ação cotidiana no mundo da vida.

Sumário

fragmentos do tempo.....	8
estilhaços de mim.....	26
intermezzo.....	44
revolteio.....	58
do corpo.....	78
da poesia da palavra.....	90
do autor.....	113

depois do quase

fragmentos do tempo

registro do golpe

as crianças entravam no colégio como nos demais dias

também as nuvens dessa quarta-feira em que choveu e
[parou várias vezes
não se davam conta de que era 11 de maio de 2016

pareceu-me ainda que o trânsito até que estava tranquilo
considerando que ontem haviam ocorrido paralisações de
[transportes públicos
e atos fechando a movimentada rodovia federal que corta a
[cidade

o almoço foi servido com a mesma variedade de sempre
tive que mediar outra confusão de minhas filhas por motivo
[besta
e o detran não amenizou minha multa por esquecimento de
[pagar o ipva do ano passado

talvez apenas o mar tenha amanhecido consciente de que
[não estávamos numa data normal

depois do quase

pois a capitania dos portos já sinalizara desde o início da

[manhã

que era melhor as embarcações pequenas evitarem a

[provável agitação das águas de ressaca

dioptrias

escorre pelos vidros das persianas
um suor escuro turvando
os feixes luminosos que entram
na nave central da catedral
e projetam-se tortuosos
ao atravessarem as digitais
cravadas nas lentes redondas
dos óculos do cego isaías
que nem precisa calcular
os efeitos ópticos da refração
para preencher o espaço com sua arte

depois do quase

aboiologia

debulho do chão os aboios caídos

eles ressoaram e se desfiaram
depois ocuparam o vazio que vai
da alma de quem entoa
às entranhas do boi

mas é nos que nem aboiam
nem são aboiados
que essas monótonas melodias
cortam mais fundo
antes de se exaurirem
e despencarem

são tais emanações já fossilizadas
que eu recolho
escovo e remonto
mesmo ciente que o esqueleto reconstituído de um aboio
exposto num museu
perde quase todo o seu gume

repristinção

revolve o leito
remove o cascalho
respinga o rio
respira o metal
retira a pepita

retalha o campo
recolhe o chão
revira a peneira
retoma o processo
resgata o brilhante

relança o garimpo
restaura a corveia
rechaça a resistência
recalca o humano
reinstaura o cativo

depois do quase

registro do golpe – parte 2

29 de outubro de 2018

os corredores da escola de educação básica
as avenidas principais da cidade
as secretarias departamentais da universidade
as escadas rolantes do shopping center
os saguões dos aeroportos
as estações de metrô
tudo parece continuar a funcionar como antes

só os corpos estão diferentes

dos olhares emanam outras sensações
os pescoços inclinam-se com ângulos distintos
as vozes soam conformando um tempo diverso
impreciso
indefinido

hoje o tempo não se consome nem flui
ele paira
me para
e desdenha do pouco frasco que sou
tentando sobrevalorizar esta rala essência
em que insisto em me alquimiar

com esse tempo é que aprendo
a me congratular com meus fracassos
e a me sentir parte deles
tanto quanto o sou das pessoas que alquimiei

depois do quase

estado de guerra

depois de muito exercitar

decidi efetivamente deflagar guerra

visto que analisei minhas fragatas

estimei meu poderio de fogo

contei as almas sob meu comando (menos que uma)

certifiquei-me que a estação era propícia

e que a conjuntura exigia os esforços dessa empreitada

. . .

anunciado o estado beligerante

iniciados os bombardeios

disparados os explosivos de efeitos imorais

catapultados os blocos de pedra

espoleteados a esmo os projéteis

luciano bezerra gomes

vertido em lágrimas quase todo o sangue ainda não
[derramado
trombeteadas à exaustão as marchas fúnebres
sinto aproximar-se a última e consagrada etapa
a qual será apoteoticamente consolidada
assim que eu conseguir delinear com precisão
o inimigo contra quem estou guerreando

depois do quase

para implodir o fascismo

para paulo eduardo xavier de mendonça

houve momentos em que eu quisera ter a capacidade
de constituir palavras potentes
que funcionassem como máquinas
com suas engrenagens azeitadas
gerando poemas como quem põe de pé
engenhocas fantásticas

eu procurava elaborar textos que conseguissem impactar as
[pessoas

as quais ficariam mais suscetíveis
a reconstruírem seus pensamentos
a redefinirem suas ações e atitudes
promovendo novas subjetivações
a partir das sensações e percepções
desencadeadas pelas minhas poesias-pedradas

até que resolvi assumir
que minhas palavras não se sustentam num projeto destes

sempre preciso lidar com as limitações que são minhas
de só gerar frases que quebram facilmente
versos que esfarelam
proposições que se estraçalham
imagens que esfumaçam

minhas energias propulsoras só conseguem criar
uns tais poemas frágeis
com estrofes em frangalhos
pois elas são tudo o que consigo suportar
com as forças débeis das minhas mãos
pois meus dedos envergam
frente ao peso das palavras-pedras

ao ter que me produzir com esses poemas
aprendi a apostar em fuselagens que esfacelam
a me apoiar em muros feitos para desabar
a me orientar por paisagens movediças
a caminhar pelos rastros das folhas secas caídas
a me guiar pelas cores das borboletas
a me recostar na batida das asas dos beija-flores

com o tempo percebi

depois do quase

que apenas munido dos recursos propiciados por essas

[fraquezas

é que eu coso estandartes

e ergo minhas armas

depois me lanço em praça pública e penduro no vento

esta imanente alma encardida

de onde novamente precisei extirpar

outra forma daquele teimoso fascismo

que insistentemente

em mim mesmo

procurava se reinstaurar

Tempo meu

Adoro os textos sobre a velhice do Drummond,
as músicas do Chico e do Caetano sobre o tema
(embora compostas quando ainda moços)
ou mesmo o osso do Gullar estalando num poema.

Fico curioso só em saber o que escreverei
quando da minha oportunidade de experienciá-la
se já me surpreendo, na casa dos quarenta,
com algumas ancianidades presentes no corpo
e outras que (extemporâneas?) se me atualizam nos afetos.

Tomara que, até lá,
eu já consiga me perceber
e me constituir
- tal qual o Gil -
como sendo eterno.

depois do quase

Interesses

Interessará a alguém saber que o frio que senti depois da
[chuva me doeu nos ossos?

Vale registrar o encontro de uma pata de grilo entre a
[poeira recolhida na varredura da casa?

E a anotação que fiz a partir daquela frase na página 376
[do livro do Hobsbawm
ainda que não gere um artigo, ou mesmo uma ideia
[inovadora?

Interessarão os arroubos dos bêbados no beco da carniça,
[no cangote do urubú, no rabo da gata, no...?

Os beijos trocados em segredo?

As frases ditas por gestos das mãos?

Os encontros marcados com movimentos de olhos?

Os corpos dos trabalhadores rurais na mais recente chacina
[do Pará?

Interessarão os áudios da última delação no escândalo do
[PT? Ou era do PSDB junto ao PMdoquê?

Os relatórios das emissões de carbono nos países
[desenvolvidos?

As variações dos índices da Nasdaq e as contraposições à
[aprovação da Taxa Tobin?

Interessará a trajetória intercontinental dos cabos de fibra
[ótica?

A fonte dos arquivos divulgados por Glenn Greenwald?

depois do quase

do tempo

para carlos drummond de andrade

os físicos roubaram dos filósofos
a preponderância no debate sobre o tempo

ambos, porém, parecem desconhecer
que é dos poetas que o tempo é mais íntimo

isso porque estes não o tentam explicar
mas vivê-lo
desfigurá-lo
entortá-lo
enrabá-lo
pulverizá-lo
fazê-lo parar, rodopiar sobre si e depois vê-lo vomitar de
[tontura

o tempo não espera que descubramos verdades sobre ele
nem se preocupa se os discursos sobre si são confirmados
[ou refutados no seu transcurso

luciano bezerra gomes

se passa, fica ou é imanente a outra qualquer dimensão
não me parece que o importa

tem horas em que acredito piamente
que o que mais apeteceria ao tempo
seria tomar cachaça num puteiro
ouvindo waldick soriano

depois do quase

estilhaços de mim

luciano bezerra gomes

sonhos degolados infestam meu ventre

apoiando-me em suas reentrâncias

é que consigo me escalar

e divisar meus vales e platitudes

para cartografar esta geografia impressionista

das nossas amplidões íntimas

depois do quase

reinvenção abortada

antecipar o luto

viver previamente a perda

sentir o abandono

o isolamento

o ser solidão

apenas pelo medo do vir a tornar-se

pelo receio das queixas

das crises

das culpas

é mais que ansiedade e menos que fraqueza

pois sequer se goza a angustiante potência

do saber-se desterritorializado

do perceber-se perdido

do caber-se apenas em si

extirpada das próprias entranhas
deixo-te esta palavra magra
tangida por meus tortuosos dedos

emersa do silêncio desses tempos de um fosco ocre
transbordando suas sobras
excedendo em sombras
emanando silêncios por todos os pastos

ruminada nos estômagos de uma terra amarga
esterilizada pelos maneirismos hodiernos
regurgitada desde a pele dos ossos
somente esta palavra resgata da surdez
o que preciso ver
o que consigo ler
e não posso só ouvir
pois devo ouvir

completamente dispersa
essa elisão diáfana passa por minhas têmeoras
e descarta as lembranças
como quem embaralha manchas
quem exorciza cicatrizes há tempos moqueadas

depois do quase

e já digeridas pelo cansado corpo

justo por seu esgotamento

encontra-se capaz de encarar o desafio

de significar-se novamente

a combalida

esquálida

desgastada

palavra

mundo

luciano bezerra gomes

para gilberto gil

futuro só existe
quando o agora é insuficiente
ou insuportável

depois do quase

para hêider aurélio pinto

quisera eu encontrar
alguma nesga de silêncio em algum lugar
para eu me enfiar em baixo dela
e poder me dissipar

até andei pela casa a procurar
mas apenas por esquecer por um instante
que o silêncio é menos um onde
e muito mais um estar

pena eu ser tão inconstante
de tão incontestemente mover
que a mim mesmo me encontro
quando o que mais queria era me esconder

não passo um átimo a não lembrar
o que me martela o viver
e que me consome o proceder
de tudo que eu queria postergar
para outro canto

outro respirar
ou que me absorve o reclamar
de todos que me trazem pro querer
pro sentir
pro refestelar
a ausência tão insana
de meus projetos que ficaram
no curso dos leitos a escorrer

e neste quando
para melhor reconhecer meus abismos
estou necessitando de um pouco me recolher
para mais habilmente poder me saltar

depois do quase

heranças

sou mais herdeiro de minhas derrotas
e quedas
e cortes
do que dos meus acertos

as felicidades marcam na memória
e posso acessá-las
ou mesmo reinventá-las

já os meus insucessos
continuo a carregá-los
no corpo

antes vivesse onde vigem as quatro estações
pois poderia atribuir ao outono boa parte dos meus males
para consternado recolher-me no inverno
permitindo-me desabrochar na primavera
e imbuir-me do direito de efetiva e intensamente existir
no tempo que cabe num verão

mas no contraditório aqui
equatoristicamente alinhado
onde só há calor e mormaço
a primavera aparenta estar cada vez mais distante
o inverno vive e cresce dentro de cada um
e todo o ano só outona em nós

depois do quase

a noite

a noite não é só o contínuo deslocamento da área não
[iluminada pelo sol
(nosso dinâmico dark side of the earth)

nem também é apenas o momento do dia
que atiça nossos medos
e excita nossos sentidos

como o sertão em guimarães rosa
ela é aquilo que nos atravessa:
a noite
é dentro da gente

luciano bezerra gomes

madrugada moída

para alexandre alemão

passei o dia tentando moer
uns restos de madrugada que ficaram pregados no corpo

mas foi difícil desprender das carnes certos fragmentos

outros consumiram muita energia
pois ficavam ainda grossos mesmo depois de remoídos
e não me fazia bem ficar espalhando pelos cantos da casa
esses restos de madrugada destroçados

de modo que meu dia se foi
e emendei uma madrugada em outra
rogando ao tempo que
ou levasse a sobra de madrugada que restou em mim
ou levasse o que sobrou de mim nesse resto de madrugada

depois do quase

meus invernos estão estrondando no peito

mas poucos verão suas águas

muitas tempestades povoam uma única lágrima

luciano bezerra gomes

esse musgo
grudado na alma
se espalha pelos poros
e tinge os azulejos
em que piso

nas tatuagens de tais traços
encrusto os mapas que criptomarco
a canivete na vida

depois do quase

a lágrima rasga a pele
apaziguando um pouco a ferida interna
na chaga que abre pela rota do choro
e o caldo escarlate que daí brota
vai misturando com a água salgada
da mina que segue brotando do olho
formando esse estranho mosto que alimenta
a fermentação de meu reerguimento

luciano bezerra gomes

o problema da vida
é que nos ocupamos excessivamente
com os problemas da vida

depois do quase

há pessoas que nunca superaram uma perda
e se arrastam na vida requeitando lembranças
que vão se transformando em insepultas carcaças

elas se assemelham a certos carecas
que seguem coçando o couro ex-cabeludo
como quem acariciava os outrora ralos
e hoje inexistentes fios

mergulhe uma vez mais nas turbulentas águas
das memórias quase apagadas

escolha o dia em que lhe parecer
que estávamos plenos de nós mesmos

resgate aquele escombros de mim
que lá ainda se encontrar
depois veja a si mesma no reflexo que rebrilhar
do meu olho de então
despeça-se com um último abraço
afaste-se recolhendo o que conseguiu daquele instante
e siga sem novamente voltar-se em busca
de quem nalgum momento você já foi
ou de quem fui
nem do que fomos

depois do quase

intermezzo

luciano bezerra gomes

Para Jorge Luis Borges

Consta que o Barão de Alvarèz e Varsélia,
ilustre magistrado de ilibada carreira administrativa,
sofria de intermitentes cólicas nefréticas;

segundo línguas apócrifas,
em decorrência de seu conhecido gosto por mulheres
e inconfesso prazer por mancebos,
que lhe teriam infligido incontáveis blenorragias.

Para aliviar os desconfortos,
por orientações médicas,
costumava praticar longas caminhadas vespertinas,
momento em que se recostava à sombra
naquele campo com centenárias videiras.

A recorrente presença desta circumspecta figura
costumava emocionar aquelas plantas
que tentavam guardar, como prova de carinho e respeito,
os resquícios dos fracos e lentos jatos de urina
que lhes chegavam irregularmente às raízes.

depois do quase

Esta fitomemória seria a causa -
segundo tese de doutorado defendida por Frantz Clovisier
-
da distinta casta de vinhos produzidos nestas terras.

É assim que, acrescentando e omitindo um ou outro
[detalhe,
narra tal história com reiterado gozo o enólogo oficial do
[povoado,
enquanto treina seus concentrados alunos
na rara identificação das notas de nitrito
e do sutil buquê com leve aroma de ureia desta bebida
[regionalmente renomada.

recuperava as energias após o almoço
em uma das redes armadas sob a grande copa
da velha e firme maçaranduba
nesse mormaço de início de dezembro
nas proximidades das falésias de tambaba

até que espalhou-se pela tarde
uma sequência de músicas de tom, baden, toquinho e
[vinicius

quando a enorme árvore não resistiu
e convocou um suave e constante vento
para que também ela pudesse dançar
com seus requintados galhos
no ritmo do augusto balanço da bossa

depois do quase

vista aérea da comunidade ribeirinha

focos luminosos esparsos
traçando um serpenteado
na amplidão da noite amazônica

luciano bezerra gomes

contraste

nos corredores de um centro comercial de luxo
na zona sul carioca
papéis coloridos desfilam
carregados nos ombros magros
de um trabalhador que arrasta seu melancólico rosto
atrapalhando o fundo da imagem
da selfie da sorridente jovem

depois do quase

Vita Lobo

Utensílios:

evaporador de carnes

tritador de almas

amassador de existências

liquidificador de sonhos

Ingredientes:

eu

tu

nós

vós

Tempo de preparo:

hoje

sempre

quando

tanto

faz

Rendimento:

luciano bezerra gomes

n-1 fatias

Modo de preparo:

basta seguir

no fluxo XXI

Sugestão de consumo:

harmoniza bem com uma porção generosa de vida gourmet

depois do quase

resfolego

a trajetória que até hoje me foi possível percorrer
tornou-me incompetente para fazer-te compreender o que
[sinto
manuseando baixos e teclas enquanto resfolegasse um fole
solfejando-te minhas angústias e esperanças

destá, dorgival
que no tempo de flávio josé olhar o bater de asas dum beija-
[flor
ou no ritmo da felicidade do jeneci
eu inda volto pro meu aconchego escutando dominguinhos
e o sertão fincado em meu peito verá brotar uma flor
no mandacaru que o gonzaga lá plantou
semeando um porvir tão intenso e belo
quanto sivuca tangendo João e Maria pela vida

luciano bezerra gomes

Trôpego, sonolento, como quem há séculos procurava uma

[guilda

Em riste passei o dia a trabalhar sentindo as forças muito

[fracas

Por ter passado a noite fodendo como quem escrevia um

[poema à Hilda

Hilst

depois do quase

dobra

vira

verbo

no texto

na vida

dobra

vira

esquina

junta

papel

múltiplo

rio em

por

or

oca

miro incenso

miro

imenso

suspiro

intenso

insiro

penso

retiro

tenso

confiro

repenso

giro

lenço

viro

incenso

piro

depois do quase

meus quadro

extravasam

minhas molduras

meus quadros

extra-esvaziam

minhas molduras

minhas molduras

entre-quadram

meus vazios

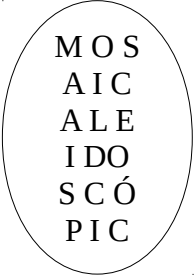
meus vazios

emolduram

meus quadros

mosaicaleidoscópico

M O S
A I C
A L E
I D O
S C Ó
P I C
O



M O S
A I C
A L E
I D O
S C Ó
P I C

depois do quase

revolteio

luciano bezerra gomes

lá no fundo
bem dentro de mim
só tem fora

depois do quase

muitas das minhas flores
murcharam sem terem conseguido
sequer desabrochar

elas serviram justamente
para eu polinizar
a mim mesmo

regressa do autoexílio
cata um pedaço abandonado de carvão
cospe
raspa
esculpe nele uma versão outra
de mim
olha para este novo eu
sopra lhe infundindo um pouco de vida
afaga-o com o sentimento que ainda restar
e depois incendeia

depois do quase

entre porvir

entre minhas escuridões íntimas
e suas públicas claridades
escolho o que em nós excede
e incide no porvir

escorrega-se-me pelos cantos da boca
um pouco de aurora
pois não consegui deglutir completamente
aquele pedaço de amanhecer
que você me deixou sobre a mesa
antes de partir

não sei se por eu estar temporariamente
desaberto para renascimentos
ou porque o regorgeio matutino das aves
sempre me dá soluços emotivos

espero que tenha conseguido sorver
uma porção suficiente para clarificar
os dias por vir
já que não se encontram com facilidade hoje em dia
boas qualidades de amanheceres pelos mercados

depois do quase

fogo interno

para cássia eller e cazuza

por algum tempo desejei
queimar a vida intensamente
mas nunca achei o pavio

imaginei que poderia não existir tal mecanismo
e que vida, talvez, fosse coisa que,
quando certas situações propiciavam,
entrava em combustão espontânea

essa alquimia, entretanto,
nunca me foi desvendada
e continuei a buscar combustíveis
nos meus próprios fósseis

em qual pedaço de osso se esconderia minha espoleta?
quanto sangue precisaria verter para dele extrair pólvora?
gases? química?
nada
nada disso

luciano bezerra gomes

nessa longa procura, descobri foi que
minhas intensidades emanam
é da cotidianidade de minhas íntimas
implosões

depois do quase

a cada momento a busca
de um pouco de pó que possa
lustrar essa vida fosca

luciano bezerra gomes

para felipe proenço de oliveira

quando os caminhos parecem estreitos
a poesia é a melhor maneira
de arrombar a porta
escancarar a passagem
e ampliar a vida

depois do quase

desconheço-me nos traços do que venho sendo

as parcelas de mim que recolho

formam tanto quadros disformes como mosaicos de ravenna

mas que são excesso ou escassez em relação ao que fui

alimentando assim o sempiterno processo

em que confluem arte-finalização de si

e autoesquartejamento

luciano bezerra gomes

descobrinventar-me

descobrir-me

ou

inventar-me

?

descobrir-me

ao

inventar-me

!

depois do quase

I Ching

Um punhado de chineses
governantes filósofos guerreiros
escreve um livro aos pedaços,
num milenar mosaico,
e dizem que, ali, mora a sabedoria
para as pessoas se posicionarem frente
às transformações do mundo.

Nada mais sem sentido do que
um ocidental do século XXI
pensar em jogar moedas para cima
e, traçando linhas num código quase primitivo,
consultar, nesse livro,
o que fazer.

O problema é que nem só
de lógica se faz uma existência,
mesmo a de um ocidental.
Por isso, toda vez que invento de jogar as tais moedas,
fico com a sensação

- para não dizer a certeza -
de que os tais chineses me sacanearam,
pois o que leio no I Ching
dá imagem e língua
aos movimentos que tentavam nascer em mim
e eu nem sequer os percebia.

Quando, então, tenho que me posicionar
em relação às aberturas
que o livro me coloca,
sinto que ele ajudou a partejar
o vir a ser
do meu presente.

depois do quase

repensar
as estratégias que buscam
reparar
o que em nós precisamos
rejeitar

(. . .)

resistir
ao que nos procura
reprimir
nos permite na luta
reexistir

(. . .)

resgatar
nossa capacidade de
respirar
possibilita à vida se
reinventar

luciano bezerra gomes

Lendo Davi Kopenawa e Ailton Krenak

Quando nada mais for divino,
talvez, consigamos perceber
quanto havia de sagrado no mundo.

depois do quase

funcionamento

expulsar o que é saível
incorporar o que é ingerível
deixar em suspenso o estagnável
apagar todo o ficável
soprar qualquer balançável
e acompanhar os sons caláveis

luciano bezerra gomes

nada (e menos um tanto)

para chagal

estrebucha
relincha
pinça a lixa
com unha de lince

depois estraçalha
revolteia
e finca no traço
mais um ponto de lança

. . .

estremece
repuxa
desfolha na praça
tua concha de pano

então retoma
espreme

depois do quase

e esculpe no lodo

essa parede de sonho

vida é aquilo
que em algumas fases
a gente pega pelos chifres
e delicadamente vai arrastando

neles também é que nos agarramos
em épocas outras
para não sermos deixados na estrada
quando ela desanca a andar

as marcas mais intensas que trazemos
- também as provas últimas de que ainda existimos -
são os calos que ficam nas mãos
por apertarem os cornos da vida

depois do quase

do corpo

soul

sou feito de carne que estremece
que fica com raiva e entristece e chora
sou de carne que esquenta
carne que ama e apodrece

sou feito de osso que bate
osso que molda e parte
feito de nervo que clama
nervo que sente, pensa, sonha
de sangue que se espalha, extravasa, sua
unha que racha e quebra
pelo que move
sêmen que foge

sou mineral que organiciza
terra que se insufla e bafeja
pedra que levanta, anda, cansa
água que se crê
fogo que desacredita do que vê

depois do quase

todas as canções de amor que não fiz para você

todas as canções de amor
que não fiz para você
estão a me rasgar o estômago

como não sei compor canções
aguentarei o estômago sangrar por um tempo
para ver se reaproveito ao menos uma parte
do que escapar deste sentimento
ainda não completamente digerido

com ele moldarei flores para lapela
desenharei elefantes vermelhos nas paredes
armarei concreto para as estradas
e ungirei as nossas brisas

o amor assim resgatado
mesmo que ruminado a fórceps
enviesado e diagonal
extraviado
aos farrapos

desvalido e desgastado
ainda é amor
e cabe na prateleira da língua
entope o ralo do peito
balança os pilares dos braços
inunda as solas dos pés
entranha-se nas vestes das árvores
alisa as escamas dos pássaros
e se escultura em nuvem

não tem natureza
origem
ou cronologia
que esvaziem o amor

depois do quase

intentativa

tenho insuficiências para falar do que mobiliza nosso
[encontro
pelo fato dele se produzir sem pretensões maiores
além daquela de se tentar constituir como poesia

o que caberia dizer sobre o que vivemos?
conseguiríamos seguir sem definir para nós mesmos o que
[fazemos?
suportaríamos não tentar analisar o que se nos apresenta
[como acontecimento?

sou imprestável para delimitar com clareza o que em mim
[desencadeiam certas presenças suas
algumas ausências minhas
determinadas inconstâncias ou mesmo as inconsistências
[nossas

minhas previsões não avançam para além da existência que
[incide nos instantes

luciano bezerra gomes

quero apenas continuar sustentando o que tem sido
no que pode vir a ser
do que virá

depois do quase

presença

mesmo distante

minha sensação corporal continua conectada em você

tenho sentido seu cheiro

esses dias

aqui nos locais por onde passo

sou invadido pelo seu gosto

como um rebote de uma substância que cai na circulação
e demora a se diluir completamente

sua voz aparece no backing vocal

das músicas que venho escutando

você está presente

não no meu ambiente

mas em mim

porém

trocaria toda essa presença

- insubmissa aos fatores da física -
por um passo a mais de dança

prolongada a distância
isso que me ocupa continuará
operando nos caldeirões do ventre

e mesmo ciente das dificuldades
de fazer caberem os desejos em uma vida inteira
pretendo sustentar essa intensidade
enquanto ela for potência

depois do quase

poder

o que pode uma ideia? um pensamento? uma pintura?

o que pode uma canção?

o que pode um arrebol? um raiar do sol?

o que pode uma lágrima na escuridão?

o que pode um olhar encontrando outro?

o que pode um abraço? um ombro?

o que pode uma escuta?

o que pode um afago? um afeto?

o que pode um sorriso?

o que pode uma amizade?

o que pode uma cumplicidade?

o que pode uma paixão? um amor?

luciano bezerra gomes

o que pode uma vida?

o que pode uma multidão?

depois do quase

a carne farfalha

ao leve toque na pele

e no sangue espalha

essa torrente que eriça os pelos

atiga os olhos

ativa os cheiros

avança pelas costas

sobe pelo peito

e se lança aos astros

a carne

é os mais imediato

acesso para os céus

luciano bezerra gomes

vou no vago vão da vida

trago destroços de trocentas tribos
neste corpo que aos poucos perco e produzo
enquanto sigo sendo

só

e cens

depois do quase

da poesia da palavra

nunca se escapa ileso
de uma poesia

ela exige quimono
capacete
escudo
e um ramo de arruda atrás da porta

quem decide enfrentar de fato uma poesia
precisa dispor-se a transpor
para sua própria pele
o corte por onde ela fora retirada
do exaurido corpo do poeta
e a sempre arrancar das chagas as cascas
que teimarem em se sobrepor
às suas renitentes marcas

uma poesia
quando se incrusta na gente
continua a sangrar
por toda uma vida

depois do quase

a poesia é traiçoeira

tem dias em que a poesia
me ocupa de um jeito
que preenche todos meus pelos
transpassa o peito
e deixa os dedos dos pés entevados

tentando fugir dela
leio às pressas bulas de remédios
tubo de detergente
rótulo de cream cracker
comunicado da receita federal
contas de água-luz-e-telefone
manual de geladeira
relatório da vigilância sanitária
panfleto com propaganda de encanador

mas a poesia é traiçoeira
e quando menos espero
começo a me envergar por palavras como
maltodextrina

farmacocinética
prestadora
estabilizante
cutículas
penetram
canforado
abundantemente
consumido
destaque
submetido
postergado
pendente
retornável

quando a poesia não quer fazer as pazes é assim
só resta esperar que o sono caia logo
e que no outro dia ela tenha se cansado um pouco de mim

depois do quase

quase não reclamo das minhas noites mal dormidas
pois em muitas delas são os poemas que querem nascer
que me sacodem pelos ombros
até que eu saia da cama

quando a poesia fala
até o sono se cala

madrugadas sem fim
folheio a estante
como se algum poema me fosse arrancar da insônia

mas verso é bicho promíscuo:
ele já chega se esfregando na gente
de um modo que não tem látex que o barre

e assim fodido por tudo quanto é poro
volto pra cama
ainda com o suor das palavras
a lambuzar no corpo

depois do quase

escorre do peito um fio de
algo que não sei direito dizer pois
é exatamente o que amasso e repuxo para
esfregar nas pedras e esticar ao
sol de onde busco a energia que
transforma tudo em palavra

encantador de serpentes
adestrador de cães
domador de leões
tratador de cavalos
cultivador de micro-organismos em laboratório

dentre os muitos seres intimidadores e hostis
que os saberes das várias gerações
foram desenvolvendo habilidades para tentar domesticar
eu escolhi lidar com as palavras

elas também inoculam veneno em certas ocasiões
a tirar por iago e otelo

palavras podem morder
e mesmo quando abanam o rabo
não perdem um grau de ferocidade que lhes é imanente

algumas têm capacidade de matar com extrema facilidade
outras, uma potência que arrasta arados
e tanto podem contaminar o solo
como produzir vacinas para muitos dos males humanos

depois do quase

só o poeta consegue enfiar a cabeça
na bocarra com presas afiadas de uma palavra
e sair vivo pra contar a história

quem acha que é fácil fazer uma palavra
em frente ao público
saltar pelo meio de um aro em chamas?

são poucas e em contextos bem específicos
as que obedecem aos comandos
de sentar, deitar, rolar e dar a pata

é arriscado lidar com as de maior potencial assassino
mas necessário pois parte delas
também tem a capacidade de inflamar multidões
que tanto podem defender a vida ou o fascismo

e nem todas as com efeitos terapêuticos
agem na forma de bálsamos
umas o fazem a golpes de martelo e machadadas

tais dificuldades levam a que sejam poucas
as pessoas que dedicam a existência a serem poetas

luciano bezerra gomes

fato que deveria desencadear movimentos sociais
pela construção de políticas públicas
para apoiar o surgimento de poetas

vivemos numa era
em que precisamos desesperadamente de poesia
porque o poeta é um vivificador de palavras

depois do quase

A fábrica do poeta?

Como se produz um poeta?

Qual a argamassa mais adequada
para juntar os cacos que alguém
vai largando dentro de si
até que se forme esse
ser estranho, o poeta?

Quando é o melhor momento
para iniciação das etapas capazes
de despertar a poesia
interna que move o poeta?
Há um tempo de maturação
mais propício para forjá-lo?

Seria possível criar uma
escola de poetas?
Que disciplinas deveriam ser nela
ensinadas? Quais experiências
ela precisaria fomentar nos

seus estudantes?

Que estratégias de avaliação
afeririam a aprendizagem
de modo a reorientar as
ofertas pedagógicas? Que situações
levariam à reprovação
do poetaprendiz?

Existiria uma precisa
poetagogia?

Concursos literários e
premiações aumentam a
incidência de poetas na população?

Incentivos públicos a empresas
que financiam a publicação
de livros permitem o
desabrochar de poetas?

É possível se dimensionar
a quantidade mínima
e planejar a fabricação
do número de poetas que seria
necessário à manutenção de um país?

Este é um problema a mais

depois do quase

no cálculo do permanente equilíbrio desigual
entre estado e mercado?

Entre a tecnoburocracia e o mecenato?

A constituição de um poeta a mais
é tarefa coletiva, geracional,
ou o brilho do gênio, toque
de midas?

Linha de montagem ou
singularidade?

Massificação ou revolta?

Manada ou marginália?

Seio do povo ou abajur no
quarto-sala?

E em que minuto o quando
vira o então e o poeta
se vê completamente nomeado,
autorizado, diplomado,
liberado para seguir
e abrindo a vaga
para novas matérias-primas
desse processo produtivo?

luciano bezerra gomes

Como e quando se encerra e reinicia
o ciclo da poetificação?

depois do quase

Lendo Peter Pál Pelbart

Só a poesia (em prosa, em imagem, às vezes mesmo em
[verso)

consegue vislumbrar a possibilidade de escrever
o que escapa à linguagem,
o que se esgueira por fora
do sentido envelhecido da palavra
e, assim, permite insuflar
a inexistência que resiste,
o esgotamento que insiste em existir.

E tal como o oxigênio,
mais do que permitir,
a poesia é condição necessária à explosão.

Eu quero mais é que,
de poesia,
as formas-de-vida se explodam!

exercício de crítica literária pós-moderna

para ser poeta não basta escrever
verso, fazer rima

necessita transfigurar as palavras
transsubstanciar seus sentidos
enriquecendo de estéticas termos já esqueléticos
desgastados pelo abuso comum
ou esquecidas pelo uso raro

com tal potência alguns poetas o fazem
que tem palavras que passam a exalar cheiro de certos
[autores
assim ficou a pedra, a faca, o cemitério, o pó e o mineral na
[forma de joão cabral
ou o resto, o musgo, o despojo em manoel de barros
o verme, a podridão, o tamarindo em agosto
e por ai se vão
de tal modo que a capacidade apresentada
de deslocar certos significados
poderia ser um critério de poeticidade

depois do quase

um exemplo contemporâneo
vejo na palavra safado
termo corriqueiro para tudo que não presta
para uma pessoa sem honradez
para objeto de péssima qualidade
para sensações abjetas
e prazeres mal aproveitados
enfim, safado, é uma das classificações
que não denota aspectos positivos no uso corrente

sendo assim, acredito que alguém
capaz de engravidar o sentido de uma palavra como essas
de modo que ela passe a expressar outras dimensões
que desencadeie diversas percepções
e seja marcadora de distintas atribuições
uma tal pessoa é merecedora de certa atenção

isto posto, é forçoso reconhecer certa incapacidade
de uma cultura pretensamente ilustrada compreender
fenômenos estéticos que permitem construções encravadas
em deslocamentos semióticos propostos por alguém
que se autodenomina como wesley safadão

luciano bezerra gomes

produzir-se como esta personagem
requer um quê de poesia

depois do quase

tejo ou não tejo

enquanto o avião se arreava para chegar em lisboa
eu ficava aflito frente à expectativa
de conhecer o tejo

mas o rio que encontrei
serpentino e volumoso
me debelou de minhas imagens

este rio que cá vejo não é o tejo
que me perdoem os portugueses e os geógrafos

o que enche agora os meus olhos é um mundo de água
e o tejo

verdadeiro

todos sabem que é um manancial de palavras
de onde saem poemas inteiros
ou versos bastardos paridos apenas para emprenhar
páginas de pessoa

as movimentações que vislumbro hoje ao longe

luciano bezerra gomes

não são dos barcos que outrora inundaram meio mundo
[com navegadores portugueses
e nas sombras de pessoas que minuscilmente entrevejo
em nenhuma alcanço os trejeitos do ricardo reis morto por
[saramago

na pouca hora e meia de conexão
não foram os iguais em todo lugar painéis de sinalização
[dos voos que me entediaram
nem mesmo me indignou a oficial de emigração que fazia
[perguntas a uma mulher negra as quais não ouvi
[para outros passageiros

foi difuso o deslocamento que se me encrustou
ao não sentir o cheiro de páginas molhadas
que cria emanarem daquele leito para todas as terras
[lusitanas

de modo que ao arribar para as nuvens em outra nave
esquivei das janelas o meu olhar
enquanto me consumia no livro novo
de poemas sobre vagas e lumes de mia couto

depois do quase

que em desespero encontrei numa livraria em tudo igual às

[de outros terminais de aeronaves

e fiquei as horas seguintes no voo

a esfregar os versos em meus olhos

para tentar resgatar do improvável além

o meu tejo

luciano bezerra gomes

testamento

deixo-te por descendência
este ror de sentimentos confusos
entremeados com palavras desconexas

depois do quase

aonde

vou,

estamos

do autor



Luciano Bezerra Gomes é pai, poeta, professor de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba, arranha mal um violão e bate porcamente um pandeiro. Nascido em Cajazeiras-PB, no ano de 1979, vive em João Pessoa-PB.

Na área da poesia, publicou, pela Editora Rede Unida, o livro digital “Quase nada é novo”, no ano de 2014, disponível em:

<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-arte-popular-cultura-e-poesia/quase-nada-e-novo-1>

Antes deste, organizou em arquivos digitais artesanais e compartilhou outras quatro obras: “Poesia Alguma ou a ordem dos fatores”, em 2003; “transesãotransesons”, em 2006; “poesia menor”, em 2008; e “meu poema é nosso”, em 2012.

depois do quase

Todas suas poesias foram disponibilizadas gratuitamente e podem ser reproduzidas integral ou parcialmente, sendo solicitado apenas citar a fonte.

Contato: lucianobgomes@gmail.com